

A HENRIQUE MARTINS NA DEFESA DA ILHA CABRITA*

A Marinha do Brasil na Guerra do Paraguai não foi só Riachuelo.

LUIZ EDMUNDO BRÍGIDO BITTENCOURT
Vice-Almirante (Ref⁹³)

SUMÁRIO

Introdução
Antecedentes
A Ilha Cabrita
A ocupação de Cabrita
A *Henrique Martins* na defesa da Cabrita
O Coronel Cabrita
Anexo: *Curriculum Vitae* do Almirante
Jerônimo Francisco Gonçalves

INTRODUÇÃO

Após 15 meses da invasão pelos soldados paraguaios da Argentina e do Brasil, os aliados – Argentina, Brasil e Uruguai – levaram o inimigo a retornar às suas

fronteiras e, a partir de então, ficaram prontos para dar o troco.

Este artigo pretende ressaltar a participação da Marinha Imperial brasileira em uma das ações preparatórias para o assalto ao país do inimigo.

* N.A.: Este artigo baseia-se na magnífica obra *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, em cinco volumes com mais de 1.870 páginas, de autoria do General-de-Divisão Augusto Tasso Fragoso, editada em 1934 pela Imprensa do Estado-Maior do Exército. O artigo inclui inúmeras outras informações contidas na bibliografia. Prefiro não fazer paráfrases e abusar das transcrições, para obter mais autenticidade nos relatos. O artigo é também parte de um trabalho maior sobre as ações bélicas de toda a guerra, que tem como propósito dar à massa da oficialidade naval uma visão geral, de modo fácil de ser lido, ressaltando a participação da Marinha naqueles longos anos de beligerância, com a esperança de que os mais jovens se motivem para empreender novas pesquisas.

ANTECEDENTES*

Em fins de **dezembro de 1864**, tropas paraguaias invadiram o sul de Mato Grosso, conquistando Corumbá a **4 de janeiro de 1865**. De lá retiraram-se, voluntariamente, logo após a queda de Humaitá.

Em **janeiro de 1865**, em verdadeira *blitzkrieg*, conquistaram Corrientes, na

Argentina, e Uruguiana, no Brasil, esta em **5 de agosto de 1865**.

A reação aliada priorizou Uruguiana, que foi libertada em **18 de setembro**, quando mais de 5 mil paraguaios caíram prisioneiros sem que houvesse necessidade de ser dado um só tiro. Foram vencidos pela fome que o cerco lhes impôs. Um mês antes, a **17 de agosto**, os aliados haviam der-



* N.A.: Para outras informações, ler o subtítulo *Antecedentes* do artigo “Humaitá – 140 anos”, na *RMB* do 4º trim./2007, págs. 9 a 13, e do artigo “Os ataques das canoas paraguaias aos encouraçados fluviais brasileiros”, na *RMB* do 1º trim./2008, p. 100.

rotado os paraguaios da margem direita do Rio Uruguai, em frente a Uruguiana, no **Combate de Iataí**, quando 1.700 foram mortos e 1.200 feitos prisioneiros.

Como consequência, e por ordem de López, os paraguaios retiraram-se dos territórios ocupados na Argentina e no sul do Brasil, atravessaram o Rio Paraná e prepararam-se para resistir à inevitável invasão aliada.

Os 38 mil brasileiros, 25 mil argentinos e 2.900 uruguaios, concentrados na área Corrientes/Corales, enquanto adestravam-se, aguardavam a execução das ações preliminares para a invasão: levantamentos hidrográficos, reconhecimento das praias e amaciamento das defesas inimigas, além de bloqueio à navegação inimiga.

Os paraguaios, para a sua defesa, fortaleceram o Forte de Itapiru com mais canhões, dispuseram de artilharia móvel – uma poderosa arma contra os navios que se aproximassem da margem – e das incríveis chatas artilhadas*.

O levantamento hidrográfico, o reconhecimento das praias e o amaciamento das defesas inimigas ensejaram inúmeros duelos de artilharia entre, de um lado, o Forte Itapiru, as chatas artilhadas e a artilharia móvel e, do outro, os navios da Marinha Imperial que os tinham de enfrentar para executar suas missões. Nesses encontros, várias chatas foram destruídas e muitos navios atingidos com inúmeras baixas, a lamentar, em especial, a morte do comandante do Encouraçado *Tamandaré*, um herói naval, o Primeiro-Tenente **Antônio Carlos de Mariz e Barros**.

No desenrolar das ações, foi visto que a utilização de uma pequena ilha (posterior-

mente Ilha do Cabrita, ou, simplesmente, Ilha Cabrita**) como base para baterias de artilharia seria bastante vantajoso para ajudar os aliados a neutralizarem Itapiru e suas chatas artilhadas que lá estivessem baseadas.

No final de **março de 1866**, Tamandaré e Osório, em reunião, decidiram que a Ilha Cabrita deveria ser ocupada.

No dia **30 de março**, Sexta-Feira da Paixão, à meia-noite e meia, o Tenente-Coronel José Carlos de Carvalho, com um destacamento de cinco oficiais e 90 praças, embarcou na canhoneira *Henrique Martins* e rumou para a Ilha Pequena (Cabrita), onde desembarcou, “reconheceu-a em toda a sua extensão e escolheu as posições para a artilharia e para as trincheiras. Regressou às 2h da madrugada na mesma canhoneira, trazendo as quatro canoas que levava [que transportaram as praças]”.¹ (Fragoso)

A ILHA CABRITA

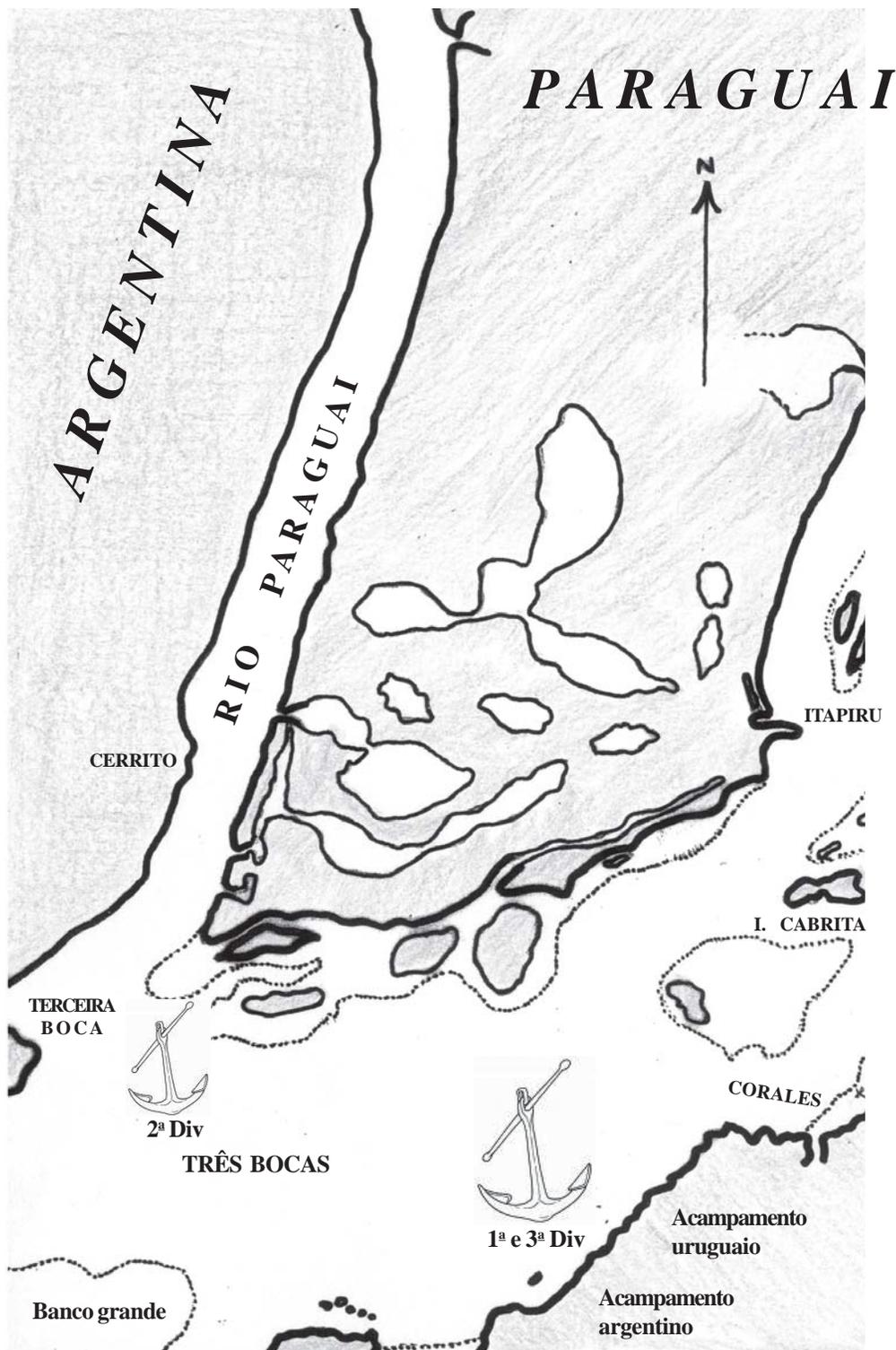
Cabrita é uma pequena ilha situada no Rio Paraná, quase na foz do Rio Paraguai, entre Itapiru e Corales, a 1.000 metros daquele.

“A ilha... é um simples banco de areia, completamente submerso nas grandes cheias do Paraná. Tem uma forma um tanto oval e o seu maior diâmetro fica paralelo às margens do rio. Está muito mais próxima do território paraguaio a que pertence do que do correntino, mas é ainda separada daquele por um canal assaz largo e... bastante profundo. Quando nela desembarcou a expedição, estava em grande parte coberta de alta e espessa macega.

Dominava-a o fortim de Itapiru, a alcance de um tiro de carabina. A bateria desse fortim e as que os paraguaios colocassem

* N.A.: O assunto será tratado especificamente no artigo “Guerra das Chatas”, a ser publicado proximamente.

** N.A.: A ilha recebeu o nome Cabrita em homenagem ao Tenente-Coronel João Carlos Villagran Cabrita, herói brasileiro da ocupação e da defesa daquele pedaço de território paraguaio por ele recém-conquistado. No dia de sua vitória, foi morto por bala de artilharia inimiga. Em 1962, tornou-se patrono da arma de Engenharia.





na margem do rio poderiam facilmente varrê-la...”² (General Dr. Guimarães)

A OCUPAÇÃO DE CABRITA

Na noite de **5 para 6 de abril de 1866**, 900 homens, sobre o comando do Tenente-Coronel **João Carlos Villagran Cabrita**, desembarcaram na ilha e a ocuparam.

Como a tropa seria alvo fácil para as armas de Itapiru, tão logo se viram em terra os brasileiros iniciaram a construção de duas trincheiras que os defenderiam e à ilha.



João Carlos Villagran Cabrita

“Foi esse o primeiro cuidado de **Cabrita**... Com uma atividade digna dos maiores encômios, traçou logo a linha das trincheiras e distribuiu o trabalho entre os seus subordinados, que, com ardor, puseram mãos à obra. Os cestões e os salsichões estavam preparados; não faltava

areia para encher os sacos; sobravam enxadas e pás para cavar um terreno pouco consistente; os braços eram robustos e diligentes. Estes preparam o fosso, aqueles enchem os sacos, outros os empilham e colocam cestões e salsichões. Durante toda a noite, esses 900 homens trabalharam sem cessar, mas, quando o dia surgiu, uma forte linha de trincheiras, guarnecidas por oito bocas de fogo, os protegiam da artilharia inimiga; estavam, desde então, solidamente estabelecidos em um pedaço do solo paraguaio.”³ (Gen. Dr. Guimarães)

Os trabalhos foram dirigidos pelo... Carvalho e pelos engenheiros militares André Rebouças e Sena Madureira.

Ao raiar do **dia 6**, os paraguaios se surpreenderam com o pavilhão auriverde lá tremulando.

Iniciou-se, então, um duelo de artilharia incessante⁴ (Thompson). López instalou uma bateria na margem do rio e montou mais duas peças de grosso calibre (68) em Itapiru.

Na noite de **9 para 10 de abril**, os paraguaios tentaram apoderar-se da ilha. Às 4 horas, o primeiro escalão desembarcou de 30 canoas; seguiram-se os demais, totalizando 1.266 homens.

“... Logo que estas embarcações abicam a terra em portos diversos, os lutadores saltam ligeiros e arremetem contra os adversários. As sentinelas, que lhes haviam pressentido a chegada, dão o alarma. Começa a luta pelo fogo e corpo a corpo. Os elementos de vigilância no exterior retrocedem. Os paraguaios aproximam-se das trincheiras. Em certos pontos... alcançaram-lhes o fosso e tentam vencer o parapeito, outros apenas logram aproximar-se do obstáculo. São, porém, repelidos ou mortos por toda a parte.

Logo que a aurora de **10 de abril** ilumina o cenário, compreendem os brasileiros ser indispensável rematar a vitória; saltam

das trincheiras, à ordem de seus chefes e lançam-se à baioneta contra os inimigos, que são, afinal, impelidos até a beira do rio.”⁵ (Fragoso) Uma fantástica vitória!

A luta vista pelo lado paraguaio foi assim descrita por Thompson.⁶

“O Coronel Diaz dirige o ataque de Itapiru, onde permaneceu com uma reserva de 400* homens. Enviou duas divisões de 400 soldados** cada, embarcados em canoas que chegaram ao banco às 4h da manhã. A noite estava escuríssima e não foram pressentidos até que desembarcaram. Os paraguaios iniciaram uma descarga e, em seguida, carregaram sobre o inimigo, tomando parte de suas trincheiras depois de serem repelidos várias vezes. A artilharia manteve um fogo tremendo, com balas encadeadas, as quais ocasionaram sérias perdas aos paraguaios. Entre os assaltantes havia 200 homens da cavalaria desmontada armados de sabre, sua arma favorita, e que fizeram uma verdadeira carnificina. A artilharia foi tomada e recuperada várias vezes.

Tão logo o fogo foi sentido, cinco canhoneiras e três encouraçados rodearam a ilha e enviaram numerosos reforços à guarnição [brasileira]. (O grifo é meu.)

Por último, quase todos os paraguaios estavam fora de combate, e os que podiam mover-se retiraram-se para suas canoas...

Era já de dia, e os paraguaios tinham que navegar contra uma forte correnteza, expostos a um terrível fogo à queima-roupa de metralha e balas encadeadas; mesmo assim 15 canoas cheias de homens conseguiram chegar a terra.

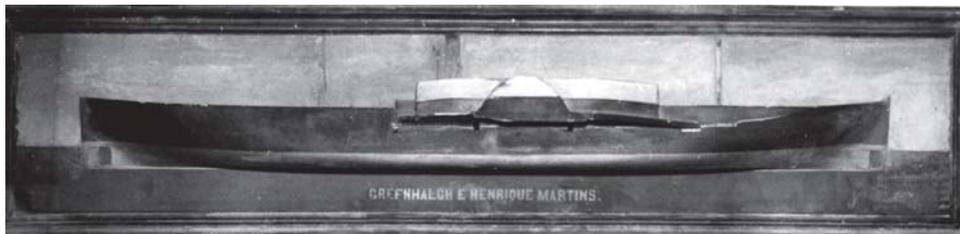
[Dos paraguaios], conseguiram escapar feridos 300 soldados, mas caíram no banco 500 mortos, feridos ou prisioneiros... Os brasileiros perderam estimadamente mil homens entre mortos e feridos.”***

A HENRIQUE MARTINS E A DEFESA DA CABRITA

A Esquadra Imperial, logo que ouviu o tiroteio, partiu em auxílio de seus companheiros do Exército que estavam na ilha.

“O comandante da canhoneira *Henrique Martins*, Primeiro-Tenente **Jerônimo Gonçalves**, percebendo a gravidade da situação e a oportunidade de seu concurso, **toma a iniciativa** de avançar com seu navio (o grifo é meu). Segue-o a *Greenhalgh* (Primeiro-Tenente Marques Guimarães) e o *Chuí* (Tenente Neto de Mendonça).

Os três navios acercam-se da ilha para a proteger e investem o canal entre ela e a Ponta de Itapiru, que ainda não conheciam. Lançam-se contra as canoas e metem-nas no fundo com extrema facilidade.



Greenhalgh e Henrique Martins (canhoneira)

* N.A.: Fragoso¹ anotou 2 mil.

** N.A.: O mesmo autor anotou 1.266.

*** N.A.: Fragoso¹ informa, entre oficiais e praças brasileiros: mortos – 4 e 48; feridos – 6 e 96; e três praças extraviadas. Total: 157 homens fora de combate contra 604 paraguaios mortos e 62 prisioneiros.

A *Henrique Martins* [com seu valente comandante **Jerônimo Gonçalves**] avizinha-se o mais possível da margem do rio e combate a artilharia ali postada”.⁷ (Fragoso)

“Os canhões paraguaios atiram com verdadeiro frenesi contra a audaz canhoneira que lhes **passa a tiro de pistola!** (O grifo é meu.)

A *Henrique Martins* responde metralhando os da margem que lhe fazem fogo. Percorre lentamente o canal, limpa-o de inimigos e surge ovante do outro lado da ilha.

Estava consumada a vitória!”⁸ (Gen. Dr. Guimarães)

“A *Henrique Martins* ficou de tal modo avariada que [seu comandante, Primeiro-



Jerônimo Gonçalves

Tenente **Jerônimo Gonçalves**] teve afinal de encalhá-la para não ir ao fundo.

O Diaz estava pronto na margem paraguaia com uma reserva de mais de 2 mil homens (Thompson⁴ informou apenas 400), porém não pôde socorrer os seus comandados na manhã de 10, em vista da barragem defensiva criada no rio pela **ati-**

tude resoluta dos três navios brasileiros.”⁹ (Fragoso) (O grifo é meu.)

No diário de Rocha¹⁰, do estado-maior de Tamandaré, encontramos algumas outras interessantes informações (de bordo do *Apa*, fundeado com a 1^a e a 3^a Divisões):

– Às 4h30 da manhã, ouviu-se fogo vivo de fuzilaria na ilha, parecendo ser de canoas.

– Mandou-se o *Chuí* e a *Henrique Martins* socorrerem, e acender fogos os vapores *Beberibe*, *Parnaíba* e *Brasil* (...).

– Ao clarear o dia, via-se grande número de canoas água abaixo, e outras pela praia, continuando ainda o fogo de fuzilaria.

– Durante o fogo, uma bateria de terra atirou sobre os nossos pequenos vapores; felizmente só houve um homem ferido levemente na *Henrique Martins*. Uma bala de 68, atravessando esta canhoneira ao lume d’água, obrigou-a a retirar-se do combate e vir encalhar.

– Quatro das canoas, que iam para baixo, foram tomadas com oito cadáveres (...).

– Outra bala meteu a pique o vapor aliado *Coronel Fidélis*.

– Durante o dia não cessou a peça de 68 de atirar sobre a ilha.

– Em todas as canoas foi visto sinal de muito sangue.

– [E do dia 11] Soube-se por oficiais do Exército, que estão na ilha, que hoje foram lançados ao rio 600 cadáveres paraguaios (...).”

O CORONEL CABRITA

A alegria pela vitória ficou empanada pela estúpida morte do herói da defesa de Cabrita, o **Tenente-Coronel Villagran Cabrita**.

“Terminada a refrega, o **TC Cabrita** recolheu-se a uma chata que se encontrava fundeada à sombra da ilha, para ali escrever a sua parte e tomar uma refeição.

Estava com alguns oficiais a seu lado quando uma bala lançada de Itapiru caiu no meio do grupo e matou no mesmo instante o chefe ilustre que acabara de conquistar para o Brasil tão merecido triunfo.

Cabrita estivera anos antes no Paraguai como instrutor de artilharia. Foram seus discípulos ... Bruguez ... Afirmam que a peça cujo tiro o vitimou foi apontada [por Bruguez].

Antes de partir para a guerra, [**Cabrita**] exercia o cargo de segundo comandante e

instrutor de nossa Escola Militar. Havia muitos dos seus discípulos entre os que, no dia 10, se encontravam sob suas ordens.”¹¹ (Fragoso)



Nos dias subseqüentes, continuaram os duelos de artilharia e os preparativos aliados para a invasão do Paraguai, eventos que serão narrados em próximos artigos.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRA>; Guerra do Paraguai; Cabrita, João Carlos Villagran; Gonçalves, Jerônimo; Ilha Cabrita;

BIBLIOGRAFIA

- FRAGOSO, Augusto Tarso (General-de-Divisão). *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, Rio de Janeiro, Brasil: Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934. (5 volumes com 1.873 páginas, além de mapas e croquis de batalhas)
- GUIMARÃES, Pinheiro (General Doutor). *Quadros Históricos do Paraguai* [s.n.t.], citado em Fragoso, Augusto Tarso.
- ROCHA, Manuel Carneiro. *Diário da Campanha Naval do Paraguai – 1866*. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, Brasil, 1999.
- THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay*, Assunción, Paraguay: Pabellón “Serafina Dávalos”, 2003.

BIBLIOGRAFIA SUPLEMENTAR

- BARRAN, José Pedro. *Historia Uruguia* (Tomo IV – “Apogeu y crisis del Uruguay pastotil y cordilhesco”). Montevideú, Uruguai: Ed. Banda Oriental da Republica, 1998.
- BENITEZ, Luiz G. (Professor). *Manual de Historia del Paraguay*, Assunción, Paraguay [s.n.t.].
- CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro [s.n.t.].
- H.P.C. “Passagem de Humaitá”. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, 1909, p. 1.553 a 1.565.
- MARCO, Miguel Ângelo de. *La Guerra del Paraguay*. Buenos Aires, Argentina: Grupo Editorial Planeta, 1995 e 2003.

- SCHNEIDER, Louis. *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo da República do Paraguay* (3^a volume, 1^a fascículo), Rio de Janeiro, Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1924.
- VINHAES, Augusto. “Passagem de Humaitá”. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, 1928, p. 1.157 a 1.165.
- TAVARES, Raul (Capitão-de-Fragata). “A Passagem de Humaitá”. *Revista Marítima Brasileira*, Ano XLVI, nº 7 e 8, p. 633 a 695.
- A PASSAGEM DE HUMAITÁ. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 1908, p. 1.293 a 1.298 (Editorial).
- A PASSAGEM DE HUMAITÁ. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 1921, p. 669 a 673 (Editorial).

NOTAS

- 1 FRAGOSO, Augusto Tarso (General-de-Divisão). *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Imprensa do Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, Brasil, 1934. v. II, p. 316.
- 2 GUIMARÃES, Pinheiro (General Doutor). *Quadros Históricos do Paraguai* [s.n.t.] citado em Fragoso. *Ib.* v. II, p. 319.
- 3 *Ib.*, v. II, p. 318 e 319.
- 4 THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay*. Assunción, Paraguay: Pabellón “Serafina Dávalos”, 2003, p.98.
- 5 FRAGOSO. *Ib.*, v. II, p.320 e 321.
- 6 THOMPSON. *Ib.*, p.98.
- 7 FRAGOSO. *Ib.*, v. II, p.321.
- 8 Guimarães citado em Fragoso. *Ib.*, v. II, p. 321.
- 9 FRAGOSO. *Ib.*
- 10 ROCHA, Manuel Carneiro. *Diário da Campanha Naval do Paraguai – 1866*. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, Brasil, 1999, p. 78.
- 11 FRAGOSO. *Ib.* v. II, p. 321 e 322.

ANEXO

JERÔNIMO FRANCISCO GONÇALVES

Almirante

CURRICULUM VITAE

Nasceu em 29 de abril de 1835, na Bahia, filho de João Francisco Gonçalves e Ignez Gonçalves de Araújo.

Casou-se a 18 de fevereiro de 1871, na Bahia, com Ercília Bagé de Araújo Gonçalves e com ela teve um filho (pelo registro do Livro Mestre), Augusto (23/1/1872).

Sentou praça de aspirante a 20/2/1851, sendo promovido a guarda-marinha em 10/11/1853, a segundo-tenente em 12/3/1856, a primeiro-tenente em 16/11/1859, a capitão-tenente em 21/1/1867 (por serviços de guerra – contra o Paraguai), a capitão-de-fragata em 3/3/1868, a capitão-de-mar-e-guerra em 2/12/1869, a chefe-de-divisão em 24/12/1881, e a chefe-de-esquadra em 16/6/1883, quando foi reformado pelo decreto de 16/6/1883. Convocado para o serviço ativo em 21/9/1893, foi promovido a almirante pelo Decreto 199 de 30/6/1894. Retirou-se definitivamente do serviço ativo em 27/9/1894.

Até ser nomeado comandante da Canhoneira *Henrique Martins*, embarcou em diversos navios: Fragata *Constituição* (três vezes), Corveta *Euterpe* (duas vezes), Vapor *Golfinho*, Barca-Escuna *Canopus* (duas vezes), Barca-Escuna *Olinda*, Vapor *Catarinense*, Pacote a Vapor *Imperador*, Barca-Escuna *Toneleiro*, Corveta *Baiana*, Vapor *Jurupá*, Canhoneira *Ipiranga*, Corveta *2 de Julho*, Vapor *Magé*, Pacote a Vapor *Oiapoque*, Vapor *Paraense*, Corveta *Imperial Marinheiro*, Corveta *Dona Januária*, Pacote a Vapor *Tocantins*, Canhoneira *Itajaí* e Brigue-Barca *Itamaracá*.

Ao assumir o comando da *Henrique Martins*, em 23 de outubro de 1865, seguiu para o sul, escalando Montevidéu a 14 de dezembro de 1865 e entrando logo em combate a 25 de março de 1886 “contra o Forte de Itapiru, uma chata artilhada e guarnição de grande força de infantaria e bem assim sustentou tiroteio com o mesmo forte”.*

Em 6 de abril de 1866, foi louvado em Ordem do Dia do Comandante-em-Chefe da Esquadra em Operações (CemCESqOprç) “pelo difícil e trabalhoso desencalhamento do Vapor Encouraçado *Tamandaré* e da Canhoneira *Araguari*, quando, conjuntamente com o vapor de seu comando, exploravam o Alto Paraná, e bem assim pelo denodo e bravura com que se portou no combate do dia 25 de março anterior, no qual mostrou maior sangue frio como também provou a solicitude com que exercitava a sua guarnição, o que ficou excelentemente provado pelo vivo e continuado fogo de artilharia e fuzilaria feito pelo navio de seu comando sobre o inimigo”.

“Entrou em fogo no dia 10 de abril de 1866, indo, no vapor de seu comando, socorrer a guarnição da ilha em frente ao Forte Itapiru [posteriormente, denominada Ilha Cabrita], fortificada pelo nosso Exército, decidindo a ação em nosso favor, derrotando mais de dois terços da força paraguaia que não menos de 1.200 homens assaltaram a mesma ilha, sofrendo ao mesmo tempo grande fogo de grossa artilharia, do que resultou ficar em risco de ir a pique, o que teria sucedido se não fosse imediatamente encalhado depois da ação, pela

* N.A.: Todas as transcrições do texto são do Livro Mestre.

grande quantidade d'água que recebia por um rombo proveniente de uma das três balas de calibre 68 que recebeu no costado durante a mesma ação.”

“Tomou parte no bombardeamento do Forte de Itapiru a 16 do dito mês de abril, enquanto se operava a passagem do nosso exército para o território paraguaio.”

“Tomou parte no fogo de proteção ao nosso Exército enquanto ele avançava para Itapiru no dia 17 do dito mês, e nesse mesmo dia tomou parte no combate contra o entrincheiramento paraguaio fortemente guarnecido de artilharia e infantaria junto a esse mesmo forte durante o combate, por espaço de duas horas.”

“Tomou parte no bombardeamento do acampamento paraguaio de Passo da Pátria a 18 do dito mês e ano.”

“Fez parte das comissões exploratórias do dito tempo no Alto Paraná desde 21 de março a 18 do dito mês de abril.”

“Tomou parte no bombardeamento feito pelo vapor de seu comando sobre o acampamento da São José Mi [grafia não identificável] em 11 de junho seguinte. Em 2 de setembro do mesmo ano, tomou parte no bombardeamento desse mesmo forte levantado pelos paraguaios nas margens do Rio Paraguai, abaixo do Forte de Curuzu, protegendo o desembarque do 2º Corpo do nosso Exército [para a conquista de Curuzu].”

“Tomou parte nos bombardeios feitos contra as baterias de Curupaiti nos dias 17 e 22 de setembro, bem como nos muitos tiroteios com as avançadas paraguaias e contra as suas baterias.”

Foi elogiado na Ordem do Dia nº 4, de 26 de setembro de 1866, do CemCESqOprç, pelo reconhecimento que fez na guarda paraguaia em frente à Ilha de Itati [no Alto Paraná].

Em 11 de fevereiro de 1867, transferiu o comando da *Henrique Martins*, passando a comandar o Encouraçado *Cabral* (a 12/2/67).

“A 22 de fevereiro de 1867, foi preso pelo Vice-Almirante CemCESqOprç, por mostrar-se pouco respeitoso para com o mesmo; foi solto na mesma data, visto achar-se satisfeito o mesmo CemCESqOprç.

“Comandava o Vapor Encouraçado *Cabral* quando, no dia 15 de agosto de 1867, a Divisão de Encouraçados efetuou a passagem forçada das barrancas de Curupaiti, fortificadas pelos paraguaios.”

Em 6 de fevereiro de 1868 passou a comandar o Vapor Encouraçado *Silvado*.

“No comando deste navio [*Silvado*], assistiu, em 19 de fevereiro do dito ano [1868], ao combate entre a nossa Esquadra Encouraçada e as baterias de Humaitá por ocasião do forçamento deste passo, tendo o navio de seu comando tomado posição em frente às referidas baterias pelo que por essa Ordem do Dia, do V.A. CemCESq, sob o nº 120 de 23 do dito mês e ano, foi elogiado coletivamente com os demais comandantes.” (Do Livro Mestre)

“Por Aviso de 23 de março de 1870, foi ordenado ao Q. G. Marinha para mandar lançar em seus assentamentos de seus comandos o seguinte:

1º) que no Encouraçado *Silvado*, por achar-se de prontidão na madrugada de 2 de março de 1868, coube ser o primeiro que moveu-se em socorro do *Cabral* e do *Lima Barros*, assaltados pelos paraguaios*;

2º) que o mesmo *Silvado* foi o único que, em virtude de ordens do Almirante, deu abordagem ao *Cabral*, sendo esta dirigida com tanta perícia e eficácia que logrou conseguir desbaratar e acabar de expelir os paraguaios; (...).”

* N.A.: Ataque das canoas, ver *RMB* 1ºT/2008, págs. 99 a 112.

Em 11 de abril de 1868 passou o comando do Encouraçado *Silvado* “por ter dado parte de doente” [N.R.: Coisa comum na época]. Sua licença foi bastante tumultuada, com algumas prisões (inclusive na Fortaleza de Villegagnon), ordem para assumir comissão não cumprida, baixas a hospitais da Marinha e inúmeras inspeções de saúde. Por fim, obteve do vice-presidente da Procuradoria licença para tratar-se da saúde no seio de sua família. Por aviso da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha, de 13 de agosto de 1868, foi-lhe concedida licença de dois meses. [a gozar na Bahia]

Por decreto de 6 de agosto de 1870, teve um ano de licença para tratamento da saúde na Europa, com todos os vencimentos.

Apresentou-se neste Quartel-General a 31 de outubro de 1868, pronto para serviço. Foi nomeado comandante do Encouraçado *Colombo* a 22 de dezembro de 1868, assumindo-o a 16 de fevereiro de 1869; foi destacado para o Monitor *Santa Catarina* a 18 de abril, a fim de comandar a [segunda] expedição de Manduvira, regressando a 1º de maio.

“Por aviso da Secretaria de Estado da Marinha de 14 de maio de 1869, de nº 3.061, foi mandado louvado por sua Majestade o Imperador como comandante da Expedição de Manduvira pelo acerto e valor que demonstrou.”

Passou a comandar o Encouraçado *Silvado* a partir de 3 de maio de 1869.

Trouxe o Encouraçado *Silvado* para o Rio de Janeiro, aonde chegou a 19 de dezembro de 1869.

Por Aviso de 16 de junho de 1874, foi “mandado à Europa fim de, nos estabelecimentos de mais crédito que se empregavam na fabricação de torpedos [minas], aplicar-se ao fabrico dos mesmos, seu emprego, meio de destruí-los e inutilizá-los quando empregados contra nossas forças navais”, com duração máxima de oito meses. Regressou da Europa a 21 de junho de 1875.

Respondeu a Conselho de Guerra em meados de 1876 pelo encalhe do Encouraçado *Brasil*, sob seu comando, nas costas de Albardão, em viagem para o Rio da Prata. Foi absolvido por unanimidade e reintegrado no comando do Encouraçado *Brasil*. Passou-o a 20 de outubro de 1876.

Comandou o Batalhão Naval de 20 de outubro de 1876 a 14 de dezembro de 1878.

Comandou a Divisão Naval do 2º Distrito Naval de 25 de novembro de 1881 a 20 de março de 1882.

“Foi chamado ao serviço ativo da Armada* em 21 de setembro de 1893, sendo nomeado comandante das Fortalezas de Villegagnon e da Ilha das Cobras, ficando à testa da defesa do porto do Rio de Janeiro. Em 12 de outubro (...) foi nomeado CemC da Esquadra em Operações de Guerra do Rio de Janeiro ao Prata, estendendo seu comando a todos os navios da armada”.

Esteve em Montevidéu a 20 de outubro de 1893, foi a Rosário de Santa Fé (de 8 a 16), voltou a Montevidéu, de lá partindo a 19 de janeiro de 1894 para a Bahia, onde chegou a 26.

A bordo do Cruzador [auxiliar] *Niterói*, saiu da Bahia a 1º de março, entrando no Rio de Janeiro a 13, passando para o Cruzador [auxiliar] *Andrade*; com toda a esquadra [legalista] partiu para o sul, fundeando em Porto Belo na manhã do dia 11.

* Veja *Os Militares e a Política na República*, de Mário Jorge da Fonseca Hermes, na RMB 1ª, 2ª e 3ªT/1999 e também *Revolta da Armada*, de Helio Leoncio Martins, na *História Naval Brasileira* vol. V tomo I-A.

“Saiu daí a 13 de abril à noite a fim de cruzar a barra norte de Catarina e reconhecer as Forças revoltadas que ali tinham o Encouraçado *Aquidabã*, Torpedeiro *Marcílio Dias* e dois paquetes armados em guerra; durante o reconhecimento foi o navio descoberto, tendo de fazer fogo contra uma luz vermelha que se aproximava... Regressou à Enseada dos Ganchos na manhã de 15 de abril e nesta noite seguiu com a Divisão de Cruzadores a fim de bombardear as fortalezas da barra durante duas horas, cessando o fogo depois da entrada das torpedeiras. Ao amanhecer de 16 avistaram-se todas da Divisão livres de perigo, tendo o Caça-Torpedeiro *Gustavo Sampaio* alcançado com um torpedo o *Aquidabã*, que não foi a pique devido aos seus compartimentos estanques.”

Saiu de Santa Catarina a 22 de abril, passou por Montevidéu a 27 e chegou ao Rio de Janeiro no dia 23 de julho de 1894. Desembarcou em 27/9/1894 por ter sido dispensado, a seu pedido, do CemCEsqOperç de Guerra.

Pelos serviços prestados à Marinha e ao Brasil, Jerônimo Gonçalves foi agraciado com as seguintes condecorações: Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro (5/10/67); Comodoro da Ordem de Cristo (21/1/68); Oficial da Ordem da Rosa (25/4/68); Medalha de Campanha da Guerra do Paraguai; Medalha Militar (de ouro).